

## 1. Introdução

O tema desta pesquisa é a realização dos atos de negação em entrevistas televisivas. Pretendemos identificar, descrever e analisar as estratégias envolvidas nos modos de expressão dos atos de negar em um programa de entrevistas, *Sem Censura*, veiculado pela TV Educativa do Rio de Janeiro.

É nossa intenção descrever e categorizar as formas de realização das estratégias discursivas relativas aos atos de negar, interpretar as razões pelas quais os interactantes fazem as escolhas das referidas estratégias na construção de atos de negar, diretos ou indiretos, e mostrar a relevância desta pesquisa para o ensino de Português Língua Materna (de agora em diante PLM) e de Português Língua Estrangeira (de agora em diante PLE)

É importante esclarecer que existe, na literatura sobre o ensino de línguas, uma sub-divisão para o conceito de língua materna. Ou seja, encontramos definições distintas para: 1) "Língua Materna Oficial" - a língua em uso no país de origem do falante e que o falante adquiriu desde a infância, durante o aprendizado da linguagem - o caso do Português do Brasil e 2) "Língua Materna Não-Oficial" - a língua em uso no país desde a infância e não aquela exigida e ensinada nas escolas como "Língua Oficial". Neste caso, o falante desde a infância adquire um tipo de língua própria (um dialeto, por exemplo) que é usado como forma de comunicação em uma sociedade. No entanto, quando ingressa na escola, esse indivíduo é alfabetizado na língua oficial exigida pelo estado. Como exemplos de países que têm esse tipo de língua temos: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Trabalhamos, nesta pesquisa, com o conceito de língua materna oficial.

Por outro lado, a divergência entre a conceituação de *segunda língua e língua estrangeira* também é registrada frequentemente na literatura sobre o aprendizado de línguas.

Na abordagem americana, segundo Johnson e Johnson (1998), os referidos termos são utilizados como sinônimos. Ou seja, ambos se referem a qualquer língua que não seja a nativa no país.

Numa entanto, Crystal (1997) afirma que muitos lingüistas distinguem *segunda língua* de *língua estrangeira*, afirmando que esta seria a língua não-nativa do aprendiz, aprendida na escola e não sendo usada para fins comunicacionais, enquanto aquela seria a língua não-nativa do aprendiz, porém utilizada amplamente no país com fins comunicacionais. Essa distinção, segundo o referido autor, é feita, principalmente, pelos lingüistas ingleses.

Apesar de essa divergência ser registrada em inúmeros textos sobre a aprendizagem de línguas, parece-nos que o termo *segunda língua* é preferencialmente utilizado em textos escritos em inglês, francês, espanhol etc, quando refere-se a uma língua outra aprendida no próprio país do aprendiz (um brasileiro aprendendo inglês no Brasil), enquanto o termo *língua estrangeira* refere-se a uma língua outra aprendida fora do país (um estrangeiro aprendendo português no Brasil).

É sabido que a terminologia "estrangeiros" pode carregar um sentido pejorativo e até mesmo preconceituoso em algumas culturas; contudo, no contexto em que ora vimos estudando o português, e acompanhando a definição tradicionalmente tratada pela academia brasileira, consideraremos, neste trabalho, dentro do termo PLE, tudo aquilo que inclui o português como segunda língua e como língua estrangeira.

Os fundamentos teóricos por nós adotados estão inseridos nos estudos desenvolvidos pela Sociolingüística Interacional, pela Análise da Conversação e pela Antropologia Social. Esta abordagem interdisciplinar se revelou adequada aos nossos objetivos uma vez que os conceitos utilizados pelas referidas áreas, e que serão melhor delineados no decorrer da pesquisa (cf. Fundamentos Teóricos), abrangem aspectos relacionados à linguagem, à sociedade e à cultura.

A identificação e a análise dos aspectos envolvidos nos atos de negar são feitos a partir de três objetivos macros a serem alcançados: o primeiro de caráter descritivo, o segundo de caráter interpretativo e o último de caráter pedagógico.

Em termos descritivos, temos por objetivo fazer o levantamento da variedade de estratégias discursivas utilizadas pelo falante nativo para expressar direta ou indiretamente a sua pretensão de negar enunciados ou parte deles em uma situação específica, no nosso caso, entrevistas televisivas, e propor uma categorização tipológica das referidas estratégias

Uma vez descritas e categorizadas as diferentes estratégias discursivas que evidenciam os atos de negar, passamos para o segundo objetivo da pesquisa, o de caráter interpretativo, que nos permite desenvolver algumas considerações acerca das razões pelas quais o falante nativo escolhe determinadas estruturas para realizar a negação. A análise interpretativa dos dados é desenvolvida com base nos conceitos da Sociolinguística Interacional — a partir das noções de *face* e *self* (cf. Goffman, 1989[1967] e 1959; Markus & Kitayama, 1991) e de estratégias de polidez (cf. Brown & Levinson, 1987) —, da Análise da Conversação — a partir das noções de concordância e discordância (cf. Pomerantz, 1984; Freitas, 2000; Stalpers, 1995), evasão discursiva (cf. Galasinski, 1996) e emoção no discurso (cf. Tannen, 1989; Bloch, 1996; Wierzbicka, 1992, 1998 e 1999; Markus & Kitayama, 1991) —, e da Antropologia Social — a partir dos conceitos de indivíduo/pessoa, igualdade/hierarquia, casa/rua e jeitinho (cf. DaMatta, 1997 [1979], 1987a, 1984, 1987b; Barbosa, 1992).

Nosso objetivo é mostrar que os atos de negar no português falado do Brasil, em um contexto de entrevistas, são, indiscutivelmente, construídos, sobretudo, a partir do 'inter-relacionamento' de dois importantes eixos: o lingüístico e o sócio-cultural.

É importante, ainda, salientar que a natureza social e dialógica dos enunciados realizados nas entrevistas analisadas em nosso corpus será imprescindível para que possamos identificar e analisar (i) o foco da informação negada, (ii) as pressuposições e implicaturas lingüísticas, vistas sob o ponto de vista pragmático, (iii) as estratégias discursivas que caracterizam o desvio de foco da informação nas respostas negativas e (iv) o jogo de construção da imagem-pública dos participantes.

A descrição, a categorização e a interpretação dos atos de negar, por sua vez, abrem caminhos para a exposição do terceiro objetivo do presente trabalho: o de caráter pedagógico. O tema discutido em nossa pesquisa, a construção dos atos de negar, está longe de ser tratado de maneira satisfatória nas gramáticas, manuais e livros didáticos destinados tanto ao ensino de PLM (cf. Lima, 1994; Bechara, 1994 e 2000; Cunha e Cintra, 1985; Leitão, 1998) quanto ao ensino de PLE (cf. Prista, 1966; Willians, 1969, Hutchinson & Lloyd, 1996). Pretendemos, desta forma, ampliar o universo reflexivo sobre o assunto, fornecendo um material de

análise que contribua para uma descrição mais completa dos atos de negar no material didático-pedagógico destinado ao ensino de PLM e de PLE.

Com base no que expusemos acima, propomos a discussão de quatro problemas envolvidos na construção dos atos de negar no português do Brasil:

- 1) A dificuldade conceitual em relação aos atos de negar;
- 2) Os atos de negar realizados de forma direta e indireta;
- 3) A negação como algo problemático na sociedade - ato de ameaça à face;
- 4) A negação no contato público - construção de imagens/jogo discursivo de como se colocar em público.

A conceituação dos atos de negar não pode limitar-se apenas à descrição de formas lingüísticas, referente a um conjunto de vocábulos, como **não**, **nenhum**, **ninguém**, **nem**, entre outros, considerados fora de um contexto situacional. Portanto, a negação, no presente trabalho, é considerada como uma construção enunciativa que pretende alcançar um determinado objetivo sócio-interacional.

O ato de negar um enunciado ou parte dele significa, em princípio, dizer '**não**', direta ou indiretamente. No caso deste trabalho, significa contrapor-se a uma colocação inserida em um contexto de entrevistas, aí envolvidos (i) aspectos relativos à discordância em relação à posição defendida pelo enunciador e (ii) à não aceitação de uma sugestão, um pedido ou um convite e à exposição da opinião do interlocutor sobre o assunto em discussão. A construção destes atos é, neste sentido, observada a partir da identificação dos recursos formais e das estratégias discursivas utilizadas pelos falantes nativos em uma situação de entrevistas, levando-se em consideração fatores relacionados à língua, à sociedade e à cultura.

Propomos, neste trabalho, que a preocupação com a auto-imagem perante a audiência, durante a construção dos atos de negar, não está centrada, simplesmente, no **negar**, no dizer **não**, mas, fundamentalmente, no **como negar**, no **como dizer não**. Dependendo do contexto, o fato de dizer '**não**' pode comprometer a face dos interactantes e deixar o interlocutor em uma situação difícil, embaraçosa, devido seja aos objetivos interacionais do enunciador, seja ao

modo como o ato de negar é colocado; pode, ainda, deixar o próprio enunciador com uma imagem negativa diante da audiência.

Segundo Pereira e Bastos (1998), com base no conceito de orientação defensiva e protetora da face estabelecido por Goffman (1980{1967}), "a face do indivíduo está, portanto, relacionada à do outro, sendo ambas construídas da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas".

Os atos de negar, a partir de uma reflexão sobre o conceito de orientação defensiva, numa perspectiva sócio-cultural brasileira, podem, assim, ser considerados como algo problemático para a sociedade, visto que podem ser produzidos e/ou compreendidos como atos de ameaça à face do outro e, em alguns casos, de desconstrução da própria imagem pública do enunciador. Ao discorrer sobre a negação em contextos espontâneos, Barbosa (1992) afirma que "dizer **não** no Brasil é aventura no terreno desconhecido", visto que seria cumprir o previsto, a lei, a regra gramatical pura e simples; seria dizer **não** a quem não quer ouvir "não", aos amigos. Ou seja, significaria evitar ou cortar os laços de amizade com o grupo social.

Dizer '**não**' aos amigos, direta ou indiretamente, seria ir de encontro ao horizonte de expectativas de um segmento que anseia por um ato particularista, que busca a concordância, a aceitação de suas idéias como forma de manter a harmonia nas relações pessoais, ainda que não haja, de fato, sinceridade por parte do enunciador. A sub-regra gramatical, então, seria: 'Nunca diga **não** a um amigo'. Ou seja, teríamos uma regra particular para um determinado tipo de segmento social na realização do ato de negar.

No entanto, o '**não**', mesmo quando usado em contextos não espontâneos, sem a presença de relações de amizade, não pode ser considerado um ato, que, sendo direto ou indireto, deva ser bem aceito pelos participantes da interação, pelo simples fato de seu enunciador estar sendo sincero. Dizer '**não**' - e escolher o modo de como melhor fazê-lo, em contextos não espontâneos -, dependerá de fatores interacionais, muitas vezes impostos pelo enunciador durante a negociação discursiva.

No caso das entrevistas analisadas nesta pesquisa, há um hibridismo relacionado à dicotomia pessoa e indivíduo, que acreditamos estar ligado

diretamente à oposição universalismo *versus* particularismo, estabelecida em contextos não espontâneos. De acordo com os objetivos dos participantes na interação e da relação social estabelecida entre eles, observa-se que há uma flutuação no uso de atos sociais que caracterizariam o indivíduo e a pessoa.

Segundo DaMatta (1997), estar no plano da pessoa é estar

*"...no plano cotidiano e familiar das pessoas cujos pedidos **não** podem ser recusados, cuja obra **não** pode ser atacada, cujo rosto **não** pode ser desconhecido, cuja projeção...é avassaladora e cujo prestígio...**não** deve ser subestimado".* (grifo nosso)

(op. cit. 233)

e estar no plano do indivíduo é estar em um universo

*"constituído daquele plano da impessoalidade das leis, decretos e regulamentos na sua aplicação e operação prática...dos serviços mais automáticos do Estado, sempre gratuitos, sobretudo no que diz respeito à saúde e à educação....No Brasil, assim, o **indivíduo** entra em cena todas as vezes em que estamos diante da autoridade impessoal que representa a lei universalizante, a ser aplicada para todos".*

(id, ibid: 235-236)

Assim, se, em contextos espontâneos, como defende Barbosa (1992), há uma colocação da pessoa em primeiro plano, no caso das entrevistas que constituem o nosso corpus não podemos afirmar tão categoricamente o mesmo. Somente a partir da observação do modo como o ato de negar é realizado, se com o sentido de colocar a face do outro em uma situação de ameaça ou simplesmente com o objetivo de discordar ou emitir uma opinião que não comprometa a face do outro, podemos definir os atos sociais como relativos à pessoa ou ao indivíduo e colocá-los em primeiro ou em segundo plano. Se não há conflito decorrente do ato de negar, a pessoa estará em primeiro plano; por outro lado, se há conflito durante a interação, o indivíduo poderá atuar, passando, desta forma, a pessoa para o segundo plano. Agir como pessoa ou como indivíduo depende, pois, dos objetivos a serem alcançados por cada participante durante a interação.

Neste sentido, a análise interpretativa da ocorrência dos atos de negar nas entrevistas desta pesquisa é desenvolvida após a descrição dos modos como se

realizam esses atos, visto que as escolhas discursivas dos falantes variam de acordo com as características particulares da sociedade, da cultura, do modo como seus membros constroem o seu próprio *self* e do modo como eles entendem a construção do *outro*, considerando-se, ainda, a existência de um processo de dependência ou de interdependência entre os dois.

*Pessoas de diferentes culturas possuem fortemente diferentes construtos do seu próprio self, do dos outros e da interdependência entre os dois. Estes construtos podem influenciar e, em muitos casos, determinar a natureza da experiência individual, incluindo cognição, emoção e motivação.<sup>1</sup>*

(Markus & Kitayama, 1991: 224)

No contato público, portanto, a negação pode ser vista como um exercício de dramatização sobre os papéis sociais representados pelos atores em uma peça encenada em contextos específicos. Segundo DaMatta (1997[1979]: 254), "a sociedade não inventa somente a peça e o enredo, o cenário e o palco, mas cria os papéis, os atores e as condições em que a peça será encenada".

Há, nestas representações, o que Goffman (1967:13) chama de habilidade de ter tato, 'savoir faire', diplomacia. Os participantes de uma entrevista televisiva, ao utilizarem estratégias que possibilitam a resolução de possíveis conflitos que possam surgir, são, de acordo com a relação entre status social, hierarquia e manipulação, em maior ou menor grau, atores sociais disciplinados (cf. Bastos, 1994: 12). Há, desta forma, na negociação entre estes atores, uma série de regras, não só no âmbito social, mas também cultural, para se manter a preservação da auto-imagem pública.

Segundo Fávero *et alli* (1998), a construção de enunciados em uma situação face a face, no caso de entrevistas de televisão, apresenta um grau de dialogicidade menor do que aquele que encontramos em conversações espontâneas entre amigos, pois os participantes preparam-se, ensaiam respostas para o evento do qual participarão. A assimetria, portanto, nestes eventos discursivos, deve ser observada não apenas pelo que está dito, mas pelo que

---

<sup>1</sup> Todas as citações traduzidas nesta pesquisa são de nossa autoria. No entanto, optamos por manter na língua original alguns termos que indicam conceitos e não têm tradução consagrada em Língua Portuguesa.

envolve a maneira como o enunciado é dito. Há neste tipo de jogo interativo um processo de negociações, de trocas, onde a entoação, o gesto, o olhar, o sorriso etc permitem uma leitura do pressuposto, dos elementos que, mesmo estando implícitos, revelam os princípios que regem as regras adotadas pelos interlocutores durante o 'espetáculo' discursivo na situação de representatividade.

Com base nos objetivos propostos, apresentamos, a seguir, organização dos capítulos.

No capítulo 2, Fundamentos Teóricos e Metodológicos, apresentamos a conceituação dos instrumentais de análise que nos permitiram interpretar a construção dos atos de negar. Os conceitos advindos de três linhas de pesquisa, a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversação e a Antropologia Cultural, foram indiscutivelmente imprescindíveis para a realização da pesquisa, visto que são linhas complementares no que diz respeito à discussão de temas relacionados à língua, à sociedade e à cultura. Ainda neste capítulo, apresentamos o procedimento metodológico, de natureza qualitativa e interpretativa, adotado na pesquisa, bem como as informações referentes aos dados da pesquisa e à caracterização das entrevistas.

No capítulo 3, Análise Descritiva dos Dados, apresentamos, inicialmente, o tratamento dado ao conceito de negação em PLM e em PLE, procurando mostrar as lacunas existentes na descrição dos atos de negar em ambas as áreas. Em seguida, propomos uma categorização tipológica dos atos de negar com base nos dados analisados em nosso *corpus*, levando em consideração o fato de que tais atos podem ser diretos ou indiretos e implícitos ou explícitos.

No capítulo 4, Análise Interpretativa dos Dados, situamos o leitor para a leitura do capítulo a partir de uma apresentação prévia sobre o espaço da entrevista e sobre o tipo de conceito de cultura com o qual nos identificamos nesta proposta de estudo sobre a negação. Apresentamos, em seguida, um modelo interpretativo dos atos de negar, com base na análise das discordâncias e asserções negativas (respostas em geral) realizadas na interação discursiva em questão.

No capítulo 5, Proposta Pedagógica em PLE, tecemos algumas considerações sobre a atual situação do ensino de línguas estrangeiras em geral, focalizando a área de PLE a partir da realização de possíveis mal-entendidos revelados na construção dos atos de negar e da má compreensão e produção de respostas negativas a convites e a pedidos. Demonstramos a necessidade de se

tratar o assunto a partir de pesquisas que se inserem, sobretudo, nos estudos sobre multiculturalismo.

No capítulo 6, apresentamos nossas Conclusões, mostrando a relevância deste estudo sobre a construção dos atos de negar e propondo o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o assunto em diferentes contextos.